

Ilustração

PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TELHEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão
Rua Formosa, 41-LISBOA



CANSAÇO
(Quadro de ANGELO ASTI)

Assinatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno.....	4\$800 réis
• semestre.....	2\$400
• trimestre.....	1\$200

Assinatura conjuncta do «Seculo», «Supplemento Historico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno.....	8\$800 réis
• semestre.....	4\$800
• trimestre.....	2\$800
mez (em Lisboa).....	700



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.

GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart. Paris

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circunetorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvie e todas as affecções do couro cabeludo

L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Chignancourt, Paris.

Em LISBOA, 15, Rua dos Sapateiros, a quem devesse dirigir para todas as informacões gratuitas

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Para encadernar a

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vale acompanhada do indice e frontispizios respectivos.

Administração do SECULO

LISBOA

Madame

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

Brouillard



Diz o passado e o presente e prelo o futuro, com veracidade e rapidez e incomparavel em vaticinios. Pelo estado que fez das sciencias, chronancias, chronologia e physilogia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruze, d'Arpigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathogoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

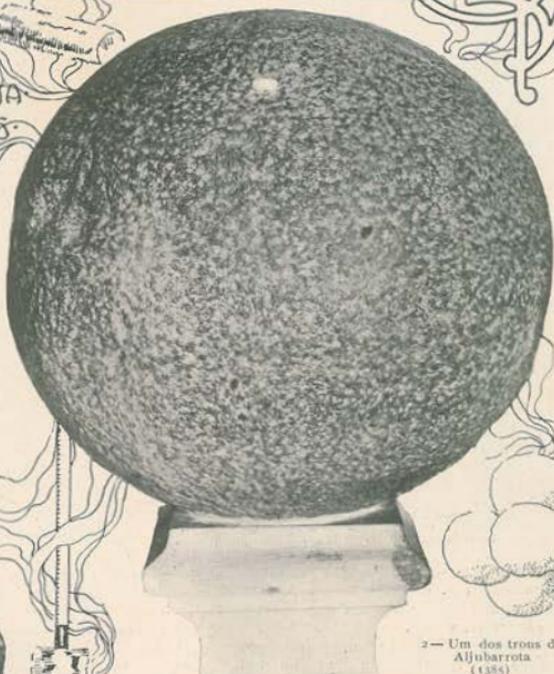
Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

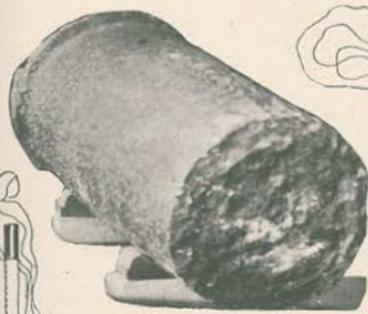
A MACHINA DA DESTRUICAO

DOS TRONS DE ALJUBARROTA
AOS FORMIDAVEIS CANHOES
MODERNOS

Foi no recontro epico de Aljubarrota, a 14 de agosto de 1385, que os portuguezes ouviram troar a artilharia, pela primeira vez, n'uma batalha campal; o inimigo — a dilatada hoste castelhana — trouxera para a peleja dezeseis boccas de fogo, muito rudimentares, a que os chronistas coevos chamam *trons*. Essa imperfeita arma de guerra tinha a configuração d'um cylindro recto, sendo o tubo formado por possantes chapas de ferro batido; mas havia variantes, e uma d'ellas era ser substituida por algumas barras de ferro forja-



2— Um dos trons de Aljubarrota (1385)

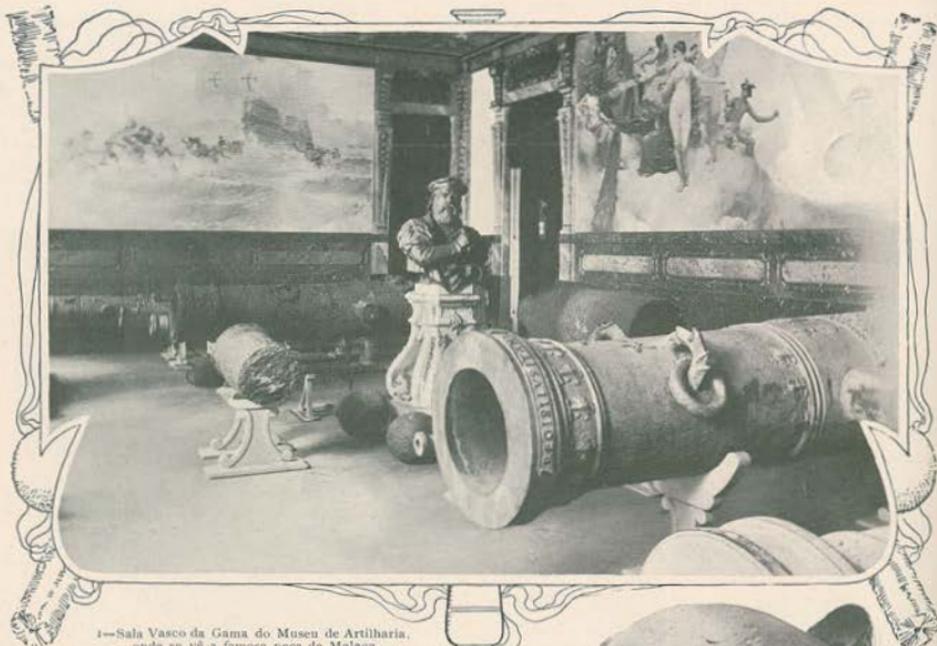


do á meia canna, dispostas ao lado umas das outras, como as aduelas d'um tonel, tão juntas quanto possível, e que se apertavam e consolidavam por meio de arcos do mesmo metal, ou simplesmente de madeira rija, mettidos a martelladas valentes. Arremessavam projecteis de pedra,

esphericos e massiços, d'um alcance muito restricto que não ultrapassaria, talvez, a distancia de quatrocentos metros, attendendo a que no tempo de Napoleão I as melhores peças de campanha eram absolutamente inefficazes além de oitocentos. Segundo refere Fernão Lopes, na *Chronica de El-Rei D. João I*, esses titubeantes engenhos de morte, disparando os seus pedregulhos, só conseguiram attingir, e pôr fóra do combate, tres homens apenas: — «... e uma pedra deu na vanguarda do constabre e matou dois escudeiros, am-



— Pelouro de granito negro, tendo o.^m 573 de diametro, arremecido pelos trons mouros contra a praça de Cañim (1534) 3— Canhão pedreiro de 1667 e dois trons do seculo XVI, feitos de barras de ferro forjado, atracados por arcos do mesmo metal

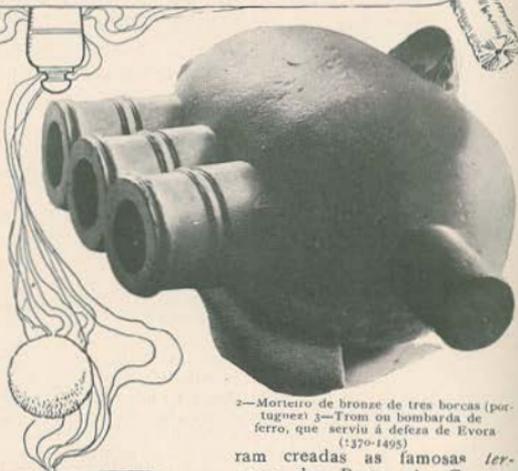


1—Sala Vasco da Gama do Museu de Artilharia, onde se vê a famosa peça de Malaca, tomada em 1511 por Afonso d'Albuquerque

bos irmãos, juntamente, e outra deu a um estrangeiro, e estes tres foram mortos d'ellas, a qual cousa foi aos portuguezes grão espanto...» etc.

Estava então na sua infancia, quasi inofensiva, a artilharia pyroballistica, como a appellidam os technicos, que nos annos seguintes se foi gradualmente desenvolvendo já no progresso intrinseco da sua composição material, já no seu malefico fito destruir; no emtanto foram ainda umas bocas de fogo eguaes aos grosseiros *trens* de Aljubarrota as que, em 1415, o exercito portuguez levou para a conquista de Ceuta.

O grande impulso dado á fundição da artilharia, entre nós, manifestou-se accentuadamente uberrimo no venturoso reinado de D. Manuel I. Fo-



2—Morteiro de bronze de tres boccas (portuguez) 3—Trom ou bombardá de ferro, que serviu á defesa de Evora (1370-1495)

ram creadas as famosas *terrenas* das Portas da Cruz e de Cata-que-Farás para a manipulação de polvora granizada e para o fabrico de alambazadissimas peças de bronze; e a fim de arrecadar o material novissimo saído ainda morno d'esses arsenaes do Estado, pois havia muitos outros pertencentes a particulares que trabalhavam por conta propria, reservou-se um grande deposito a que então chamaram o *almazem dos Paços da Ribeira*, no qual se guardava a sete chaves a artilharia *grossa e munda*, de reserva, porque n'essa epoca de prosperidade nacional, que a historia

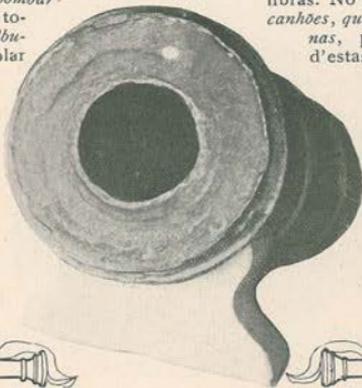




gloriosamente atesta n'uma enfiada de factos salutarmente gloriosos, os castellos de todo o reino achavam-se artilhados com uma extranha magnificencia. Segundo consta, D. Manuel tinha um verdadeiro amor pela artilharia, dedicava mesmo um particular interesse, uma extrema attenção, ás operações do fabrico e aos progressos balísticos, e affirmam até que, n'uma das *tercenças* acima referidas, se fundiu uma peça — cujo traçado fôra feito pelo punho do proprio monarcha — que disparou tiros de ensaio para o lado de Cacilhas, perante a magna assistencia da côrte taful e risonha e do povinho embasbacado pelo escarrar estrepitoso do canhão hiante. Predominavam n'essa epoca, de saraus cortezaneos e de viagens arriscadas, as respeitaveis *bombardas grossas* — como a celebre peça tomada ao rei de Malaca pelo *Abuquerque terribil*, do Camões, exemplar curioso que o nosso Museu Militar possui, — destinadas aos círcos ávidos e ás defezas frementes das fortificações, que lançavam contra as espessas muralhas altas, por entre turbilhões de fumo e formidaveis urros de mammoth, pesadas e esmagadoras balas de pedra, recheadas de chumbo. Havia, então, tambem os *canhões pedreiros*, que arremessavam projecteis de granito de

38 libras de peso, os *meios canhões pedreiros*, de menor calibre, assim como as *colubrinas* e *meias colubrinas*, de bronze, que expelliam balazios de ferro fundido; e havia ainda, especialmente para o serviço de bordo, os *falconetes* ou *berços*, que atiravam projecteis de ferro, sendo estas ultimas boccas de fogo as que Vasco da Gama levou nas naus em que fez a primeira viagem á India.

No reinado de D. João III, o *Fanatico*, emquanto as desgraçadas victimas se contorciam, agonizando, nas labaredas crepitantes das fogueiras da Inquisição, os arseaes do reino fundiam *canhões* e *terço de canhão*, cujo calibre regulava entre 43 e 112 libras. No reinado seguinte usaram-se os *canhões*, *quartos de canhão*, e *meias colubrinas*, perdendo-se grande quantidade d'estas boccas de fogo na desastrosa jornada de Alcaacer-Kibir, mas foi por esse tempo nefasto — em que a doideira hysterica d'um rei creançola precipitava uma nação, com a acquiescencia criminosa da côrte elegante e beata, — que o governador da India, D. Nuno da Cunha, enviou o celebre *basilisco* de bronze, que tem de peso 19:949 kilogrammas, e de comprimento 6 me-



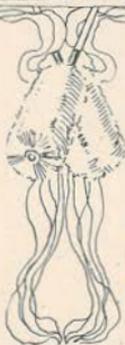


1—A tomada do reducto de Kabrunn, em Este quadro representa um episodio celebre, dante Chambré enviou n'um morteiro uma mettingo-lhe que se vingaria. 2 — Pelouro de pelos mouros contra a for-

Dantzig. (Quadro de Horacio Vernet) Atacado de noite na sua posição, o commandamento ao principe de Wurtemberg, pro-granito negro pezando 70 kilos, arremeçado taleza de Ormuz, em 1552

tos, e que sendo collocado no castello de S. Jorge era conhecido entre a plebe pela característica designação de *peça de Diu*.

Sob o dominio hespanhol— de 1580 a 1640 — predominavam, em larga escala, as *colubrinas ordinarias* e *meias colubrinas*, mas em 1604 fundiu-se o primeiro *morteiro* de 36 centímetros. Referem historiadores insuspeitos que nos primeiros annos da dynastia filippina estavam magnificamente abastecidos de artilharia, visto que os navios portuguezes que singraram na Invençivel Armada, para a conquista assente e inevitavel da Inglaterra, levavam, á sua parte, 21.400 peças de diferentes calibres, tendo-nos ainda ficado nos armazens de retém a bagatella de 21.500 peças. No reinado de Philippe III já os depositos se achavam muitissimo reduzidos, porque durante os dois reinados anteriores os hespanhoes marraheiros tinham larapiado á calada, transportando-as para Hespanha, mais de 7.000 boccas de fogo, de fabrico nacional, das quaes 600 das melho-

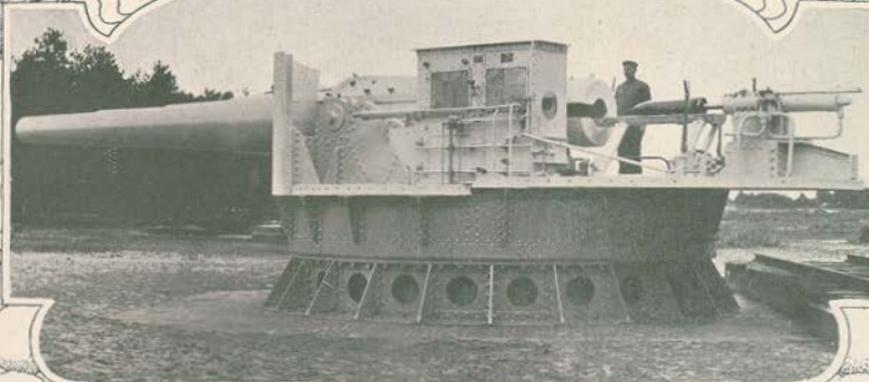


res se guardavam nos armazens bellicos de Sevilha que as formosissimas *manolas* de então, pallidas e de grandes olhos carbunculosos, iam admirar, aos domingos, na companhia protectora dos seus progenitores.

No reinado de D. João IV apparecem as enfeitadas boccas de fogo de bronze, chamadas propriamente *peças*, cujo calibre variava entre duas e quarenta e oito libras; e o monarcha successor — D. Afonso VI — mandou fundir uma grande batelada de *morteiros*, *obuzes* e *pedreiros*, enquanto, na sombra, as manversias jesuiticas tratavam de lhe roubar a corôa, a mulher, e de encaufal-o, mais tarde, no carcere regio de Cintra!

A partir de 1648, data da aclamação de D. Pedro II, adoptam-se entre nós os aperfeiçoamentos introduzidos nos paizes mais adeantados, e a artilharia de campanha, de ferro fundido, começa a ser importada do estrangeiro, mas os *obuzes* e os *morteiros* *provetes* são fabricados em Lisboa, se bem que sob a direcção de habéis profissionaes hollandezes. De 1750 a 1826 operou-





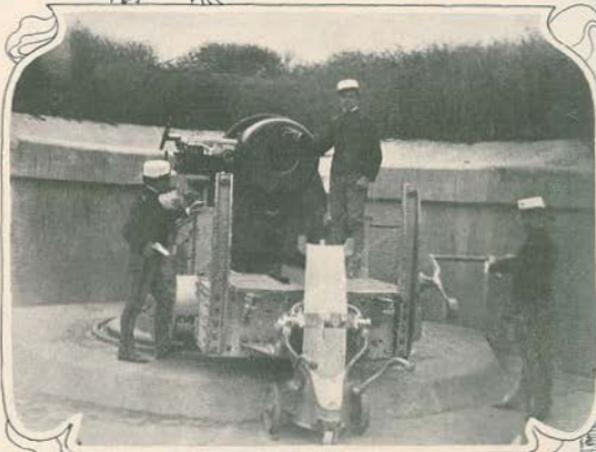
se uma reorganisaçã
completa na artilharia
nacional, levada a ef-

feito pelo conde de Lippe e Beresford. Salienta-se n'essa época o nome de Bartholomeu da Costa, tecnico admiravel, que impulsinou d'uma maneira singular os aperfeiçoamentos no fabrico das peças de campanha e de montanha, normalizando tambem os calibres dos obuses e morteiros de sitio.

De 1827 a 1854 a artilharia passa, então, por grandes transformações. Foi ahi, pouco mais ou menos, por 1850, que se começou a estriar e a adoptar, por mais pratico, o carregamento pela culatra das boccas de fogo; e como até ahi as peças eram de alma lisa, e se carregavam pela bocca, essa brusca innovaçã foi recebida hostilmente pela maioria dos artilheiros e pelos velhos generaes conservadores, que—com um risinho sceptico, cofiando a pera branca,—achavam esses novos engenhos de morte muito artificiaes e complicados! E—segundo referiu o capitão sr. J. Nunes Gonçalves n'uma interessante conferencia sobre a *Evolução do material de artilharia de campanha nos ultimos cincoenta annos*,—um d'elles era tão arraigado á tradiçã, que deixou no seu testamento muito recommendado: *que quera as salvas da ordenança, no seu funeraes, dadas pelas antigas peças de alma lisa!* Comquanto seja extremamente eternecedora essa affectuosa preferencia dos velhos generaes, tropegos e senis, ha n'ella muito de patusco, muito de picaresco até.

Entre nós fizeram-se as primeiras experiencias com a artilharia estriada em 1859, no Alfeite, em presença do saudoso monarcha D. Pedro V, que o povo amava como um santo, e que, como um santo, amava o povo.

O tormentoso reinado de D. Carlos é o periodo moderno por excellencia; a artilharia de aço forjado adquirida nas melhores casas constructoras do estrangeiro, para a defeza maritima e terrestre do campo entricheirado de Lisboa, é da mais aperfeiçoada. Ha nos diferentes fortes que circumdam a capital obuses de tiro rapido e mergulhante cujo projectil, pesando 40 kilogrammas, vae á distancia de 8.000 metros espalhar a devastaçã e a morte. Possuimos actualmen-



1—Canhão Krupp de 220.^m
2—N'uma bateria do campo entricheirado de Lisboa: carregamento de um obuz de 78.^m



te, também, boccas de fogo de campanha, com o alcance máximo de 5:500 metros, que disparam granadas de 6 killogrammas de peso.

A grande trajetoria dos projecteis de hoje deriva, como toda a gente sabe, das almas das peças modernas serem estriadas, pois como nos primeiros tempos o material era liso resultava o tiro ser extremamente lento, d'um alcance muito diminuto, succedendo muitas vezes perder-se uma batalha por não haver tempo de carregar, novamente, as peças depois de uma descarga inefficaz. Para avaliar da insufficiencia d'essa artilharia rudimentarissima basta citar um facto do seculo XV— os suissos, ao receberem algumas boccas de fogo enviadas pelo rei de França, disseram cheios de assombro e satisfação:

—Com peças tão aperfeiçoadas deve-se poder atirar trinta tiros em um dia!

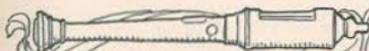
Trinta tiros

n'um dia! Trinta tiros disparados n'um só dia era caso para satisfazer plenamente os barbudos guerreiros d'aquella epocha, que estavam então bem longe de imaginar o progresso da artilharia nos seculos futuros, pois na ultima guerra do Transvaal os ingleses fleumaticos, mascando o chocolate londrino que a rainha Victoria enviára de presente para festejarem o *Christmas*, fazendo trabalhar, placidamente, o seu obuz automatico *pom-pom*, carregado com perigosas granadas de lyddite, metralharam as posições boers de Maggersfontein enviando-lhes, apenas no espaço de tres horas, 436 balazios de respeito, estardalhaçantes, brutaes, artilhariamente praticos, verdadeiros balazios britanicos, emfim!

Foi Ragon de Bange, official do exercito francez, o primeiro que fabricou canhões de grande alcance. A sua peça de 34 centímetros lança balas de 600 killogrammas á distancia de dezoito kilometros. As mo-



1—O pateo do Museu de Artilharia, onde se acham expostos os mais variados exemplares de boccas de fogo dos seculos XV e XVI
2—Um dos troços de Aljubarrota (1385)



dernas bocças de fogo de grande calibre, com que se acham armados os formidáveis couraçados do nosso tempo, tem alcance que ultrapassa vinte mil metros; a esquadra americana fez fogo sobre Santhiago de Cuba a dez mil metros de distancia e durante algumas horas Porto Arthur foi bombardeado pelos vasos de guerra japonezes, fundeados a quinze mil metros de terra.

Mas é a artilharia de campanha sobretudo, que está merecendo maior attenção, mesmo um cuidado muito especial a todos os povos cultos.

Plumitivos praticos, e sabedores d'essas complexas coisas de conflictos internacionaes e de luctas tiro a tiro, tem aventado algures, com radicada convicção, que a guerra futura será um tremendo duello da artilharia!

E d'ahi a ancia nervosa com que as nações actuaes se vão artilhando na paz... para depois se bombardearem na guerra. Cada uma procura precaver-se, o melhor possível, contra os ataques provaveis da outra. E, no momento preciso, quem melhor as tiver melhor as jogará.

No entanto, a despeito dos preparativos bellicos effectuados dia a dia, a horda sonhadora dos pacifistas vae, por toda a parte, proclamando energicamente a guerra á guerra. A paz universal, a supressão completa da acção bellica, tem apaixonado immensa gente; ora a paixão é uma bebedeira de ternura, e assim essas bondosas almas, enternecidas pelo espasmo enervante da grande utopia, vêem no abstracto da sua humanitaria idéa a concreção palpavel d'um facto positivo, forçosamente realisavel n'uma epoca futura e longinqua, que se não pôde designar por emquanto com um rigor mathematicamente infallivel, dizem.

Lançando um olhar muito rapid-



sobre o estrangeiro, vejamos, pois, qual é o artilhamento de diferentes nações, das mais adiantadas e cultas, exclusivamente sob o ponto de vista do alcance maximo que as suas bocças de fogo conseguem attingir.

Presentemente, todos os exercitos da Europa tem adoptado o canhão de tiro rapido. As peças de tiro rapido que a Italia possui alcançam 6:000 metros; as da Inglaterra, de 6:400 metros a 8 kilometros; os obuzes pesados da Russia, 10 kilometros.

A França pôde pôr em linha dois mil canhões de calibre 75, que disparam, cada um, 24 tiros por minuto; o novo canhão *Rimailho*, destinado ao tiro mergulhante ás grandes distancias, e que foi inventado pelo capitão do exercito francez que assim se appellida, é um poderoso engenho de guerra, que carrega automaticamente projecteis de 43 kilogrammas de peso e que fica immovel, disparando, pois não tem recuo algum, em virtude d'um reparo especial com que é dotado. Com respeito á artilharia pesada, a de cerco e a de costa, a França acha-se tambem bellamente abastecida — no parque de Villiers-sur-Suize, ha 192 bocças de fogo, que são verdadei-



1—Uma das phases do carregamento de um obuz de 75, n'uma bateria do campo entrenchado de Lisboa

3—Manobra de uma peça de campanha de artilharia 1

ros monstros; entre ellas destaca-se, porém, o colossal morteiro de 270 de calibre, que lança á distancia de nove kilometros lanternetas de 145 kilogrammas de peso.

O exercito da Alemanha—a visinha e a grande rival da França—dispõe de 3:500 peças de artilharia de campanha; são 3:500 canhões de 77, tiro rapido, vomitando, cada qual, 24 projecteis por minuto; todos juntos vomitariam, pois, n'esta restricta medida de tempo, 84:000 projecteis, e ao fim de meia hora 2.520:000. Só a imaginar-se este canhoeneo estupendo a imaginação fica interdita!

A casa Krupp—famosa fabrica de artilharia allemã,—tem construido nos ultimos annos formidaveis boccas de fogo—a celebre peça de dez metros de comprimento, car-

sobre a cidade sitiada, produziram-lhe um estrago estupendo.

Mas é dos Estados-Unidos da America do Norte—como sempre afinal—que mais uma vez nos vem o excepcionalismo assombroso das concepções unicas. Tem os norte-americanos, para a defeza do seu littoral, poderosas boccas de fogo de aço, de quinze metros de comprimento, e com o alcance maximo de 33 kilometros, ou seja a distancia de Lisboa ao cabo da Rocal E são elles, tambem, os possuidores da maior peça de artilharia que existe no mundo—o gigantesco canhão de 40 centimetros de calibre e 17 metros de comprimento, collocado á entrada do porto de New-York. Esse colosso de artilharia de costa—segun-



Canhão Krupp de 21 centi-

metros para defeza de costa

regada com um projectil de 215 kilogrammas, attingiu o alvo á distancia de 20 kilometros, e os modernos canhões navaes, sahidos das suas importantissimas officinas, enviam os seus *amaveis* balazios a 30:000 metros do ponto de partida!

A artilharia de sitio dos japonezes é tambem, assombrosamente, formidavel! O seu destruidor effeito nos combates da ultima guerra está ainda na memoria de todos. No assedio a Port-Arthur, os colossaes morteiros japonezes de 280 de calibre—previamente postados no cimo das collinas adjacentes que dominam a povoação—apontados

do informam as gazetas—levou quatro annos a fabricar, custou a bonita somma de 630 contos, carrega-se com uma carga de polvora de 581 kilogrammas, dispara projecteis com o peso de 1:076 kilogrammas, tem a velocidade inicial de 696 metros por segundo, e cada tiro importa na bagatella de 6708000 réis!

O seu alcance é de 50 kilometros, dez leguas certinhas; é como quem diz—disparado o canhão em Lisboa, os seus balazios iriam cair na Ericeira!!

PATROCINIO RIBEIRO.

O QUE SÃO LAGRIMAS

As lagrimas que se teem chorado até hoje formariam um mar se pudessem todas cair no mesmo sitio, derramem-se no mesmo lugar; poderiam navegar n'ellas os grandes couraçados; soffrirem tempestades e os ventos enrugariam as suas superficies. Mais de que um mar, todo o pranto do mundo seria um oceano. O choro é uma funcção que acompanha os abalos de nervos e as tragedias. E' tanto um contrasenso que até es-cudeira o riso. Sen-

do-lhe antagonico, brota quando elle chega ao seu auge. Vem da sensibilidade maior ou menor, como as nascentes d'agua dos terrenos mais ou menos predispostos. Até agora tem-se feito da lagrima um poema; tem sido cantada em elegias; teem-na collocado n'um throno como a maior manifestação do sentimento e, derramado em prata, ouro e lão nos pannos negros dos athau-des. Onde se suspeita uma grande dôr surge a



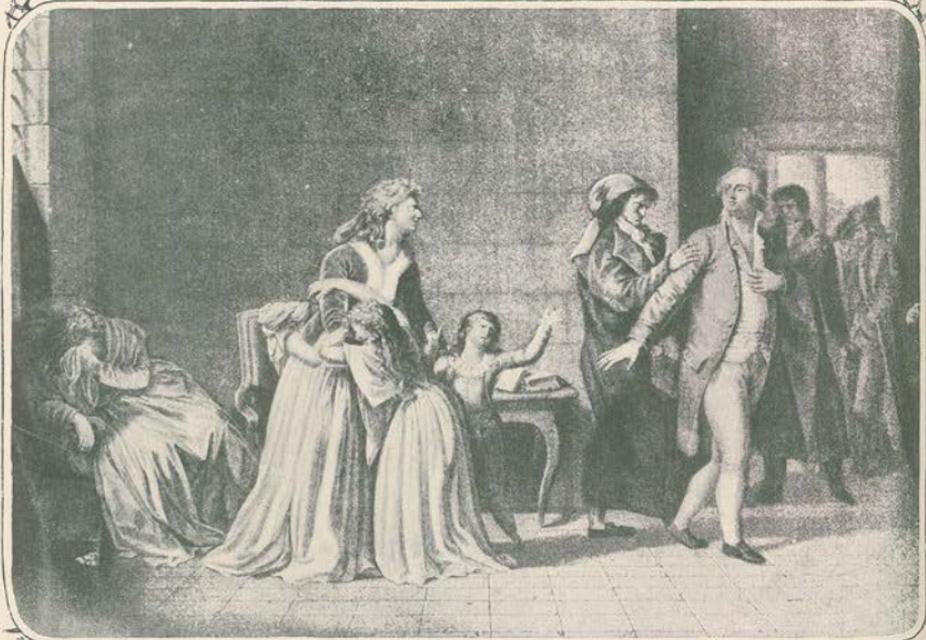
1—As lagrimas do amor ideal: *A Magdalena*, quadro de Le Guide
2—As lagrimas maternas: *Christo no túmulo*, por Van Dyck

lagrima; onde ha um acontecimento doloroso apparece o pranto; os caudaes brotam nos

olhos da Virgem Maria, nos de Maria Antonietta, nos de Christo e nos das creancinhas contrariadas.

O choro amollece o barro humano como agua que realmente é. A lagrima dá a con-

tanto que se inventaram as carpideiras. Alugavam-se olhos para chorar. Tornou-se hypocrita desde que a alugaram. D'ahi o perverter-se um pouco. Hoje só pathologicamente se derramam lagrimas dias a fio. A historia d'aquellas princezas galantes que se desfaziam em lagrimas fazem rir como a



1 — Uma porção de lagrimas

torsão nervosa; dá a attitide terrivel no drama e na pintura. Se é um rei antigo que chora tem logo um ar tragico; tratando-se da Mãe de Deus as lagrimas nos seus olhos são como grandes contas pesadas que devem cair com ruido; desprendendo-se d'uns olhos menos celebres mal se vêem. Ha uma hierarchia na lagrima como em tudo. Chorar era na antiguidade um esforço. Custava



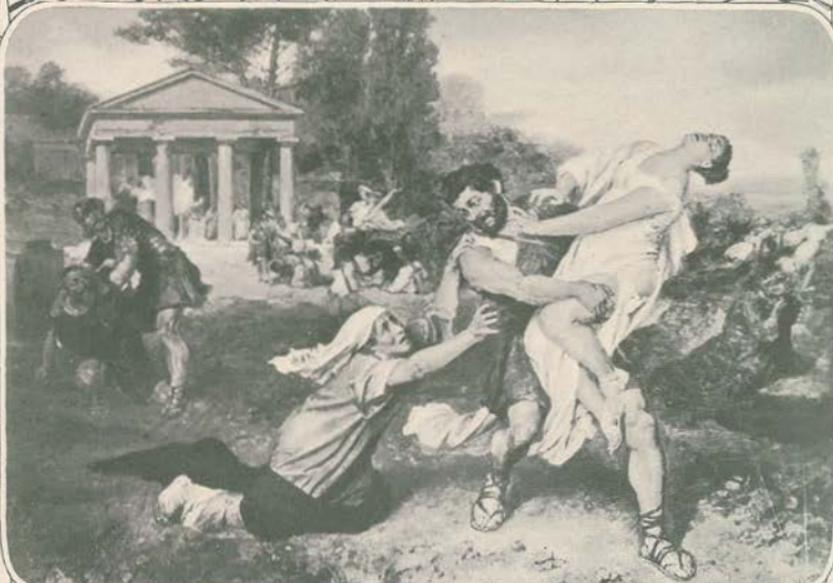
2 — As lagrimas da realצה: Luiz XVI despedindo-se de sua familia no Templo
3 — Saes de lagrimas crystalisados

mas vistas ao microscopio

da mulher de Loth que se transformou em sal. Apesar de tudo, ella surge sempre onde ha uma dôr, apparece onde ha um soffrimento, unge os rostos em todas as occasiões amargas. E, por isso, talvez não se devesse despoetisa-la, despil-a do encanto da sua graça triste, apeal-a da sua nobreza, se é certo ter havido choros convulsivos de tragedia, que ás vezes ainda se reproduzem; desde que a



humanidade tanto tem chorado porque muito tem sofrido; parece que a lagrima merecia bem a homenagem de ser conservada ideal, branca, e immaculada, com uma gota pura de orvalho. Mas a sciencia sem respeito pelo sentimento resolveu decompô-la chimicamente. Tivemos então a explicação da causa banal de serem salgadas as lagrimas: ellas contem sal commum, phosphato de sodio e outros saes menores. Quando a sua agua se evapora, esses saes crystallizam em fórmãs singulares, que o microscopio nos deixa ver, parecidas com folhas de fetos e cruces esparsas. Assim, a poesia da lagrima morreu, como a poesia de todas as cousas que a nossa imaginação creára bellas e romanticas, e que a sciencia materialisou cruamente com a sua impiedosa analyse.



1—As lagrimas da divindade: *Ecce Homo*, quadro de Barbieri da galeria Pitti
2—As lagrimas dos vencidos: *Rapto das Sabinas*, por Pradella

A CORRIDA DE NATAÇÃO

PROMOVIDA DELO REALVELO-CLUB DO PORTO

E' conhecido o entusiasmo com que o Porto cultiva todos os sports, alcançando o mais lisongeiro florescimento os clubs e as sociedades que se lhes consagram. As photographias que damos na presente pagina representam alguns aspectos da



- 1—Os cinco vencedores do campeonato local em 500 metros; Grupo para disputar a taça Leixões, em desaho com o grupo de Lisboa
- 2—No encrocamento do molhe de Leixões: Assistindo ás corridas
- 3—Campeonato local em 500 metros; Largada dos nadadores
- 4—Barco conduzindo os nadadores depois da corrida

(Clichs de CARLOS FERREIRA CARDOSO)



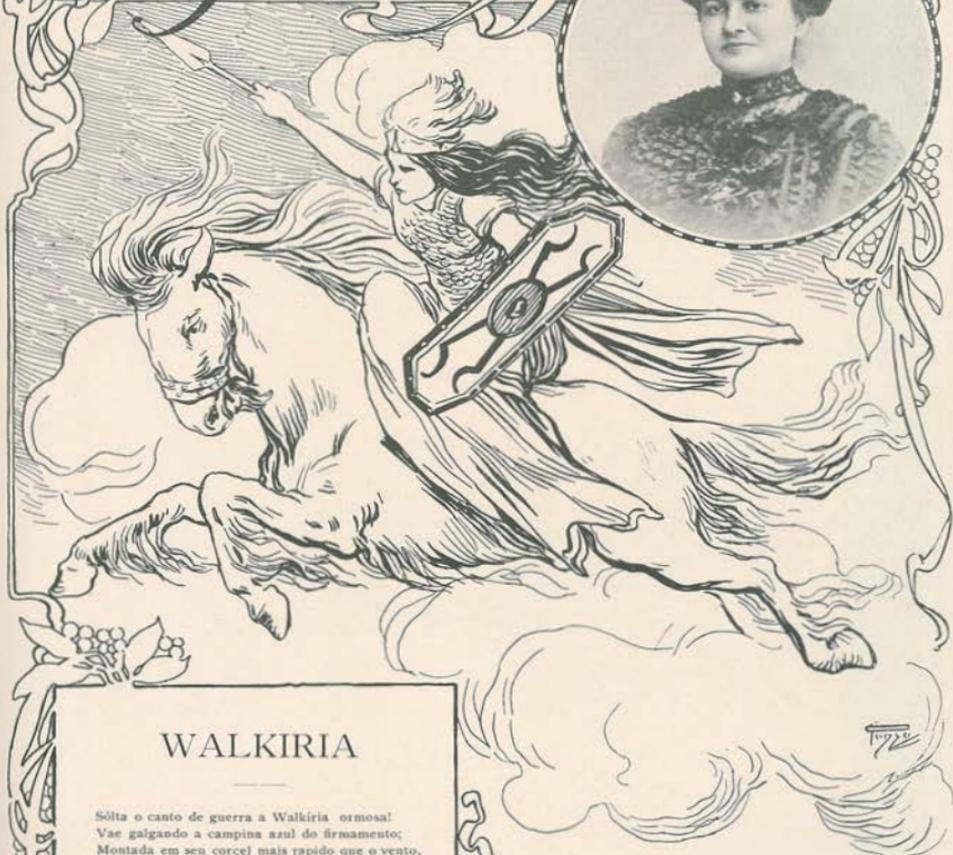
corrida de natação, promovida pelo Real Velo-Club do Porto e que no dia 29 do mez passado se realiso em Leixões.

A natação não tem sido



tão cultivada no paiz como o merecia um tão util exercicio, mas ainda assim é sem duvida no norte que o gosto por ella mais se tem desenvolvido, repetindo-se de tempos a tempos os concursos, em que se revelam excellentes e atrevidos nadadores. Tal foi este ultimo, apaixonadamente disputado entre os concorrentes.

Uma grande Poetisa.



WALKIRIA

Sólta o canto de guerra a Walkíria ormosa!
Vae galgando a campina azul do firmamento;
Montada em seu corcel mais rapido que o vento,
Corta o espaço, marcial, selvagem, victoriosa.

Baixa o sol na floresta, os céus são um portento!
Solto o manto auroral, solta a juba radiosa,
Fulgindo-lhe o elmo alado e a corraça escamosa,
Passa como n'um sonho e n'um deslumbramento.

O caminhada louca atravez do Infinito!
Cavalgada febril sobre as nuvens ardentes!
Enche os ares, rebôa um clamoroso grito. . .

E a guerreira, ao passar, de escudo e lança em riste,
Acorda os alcantis e as florestas dormestes
Da Escandinavia branca, e nebulosa, e triste.

MARIA DA CUNHA.

As *Trindades*, o bello livro de versos com que acaba de estrear-se a sr.^a D. Maria da Cunha (*Zorro*), e que toda a imprensa applaudiu já n'uma manifestação unanime de justo entusiasmo, constitue na realidade, pela delicadeza da sua inspiração como pelo requintado primor da fórma, a mais auspiciosa revelação de um talento poetico feminino a que nos ultimos tempos temos assistido. Publicando o retrato da illustre poetisa, offerecemos juntamente aos leitores da *Illustração Portuguesa* um dos seus magnificos sonetos.

AS FESTAS HIPICAS DAS CALDAS DA RAINHA



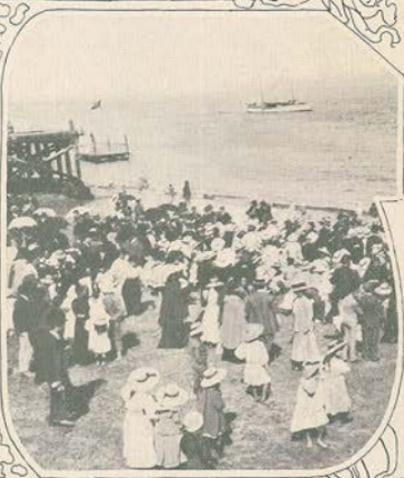
1—A assistencia no ultimo dia. 2—O sr. Jayme Alto Mearim na occasião de uma saída
3—O sr. Jara de Carvalho vencedor do 1.º premio do percurso, igual ao de San Sebastian,
e do 1.º premio do percurso de caça subindo a cathedral. 4—O sr. tenente Silveira Ramos descen-
do o segundo obstaculo igual ao de San Sebastian. 5—Descida pelo sr. alferes Maia.
6—Descida pelo sr. J. Alto Mearim, vencedor do 2.º premio do percurso igual ao de San Sebastian



1—O povo assistindo ás provas. 2 — Grupos de campinos que tomam parte nas provas do dia 30. 3—O campino José Vicente vencedor do 1.º premio.
4—O campino José Vicente saltando um obstaculo. 5 e 6—Saltos de campinos
(Clichés de BENGLIOL.)

A CONSAGRAÇÃO DE UMA OBRA DO "SECULO"

AS JUNTAS DE PAROCHIA DE LISBOA LEVAM AOS BANHOS
DA TRAFARIA AS CRIANÇAS POBRES DA CIDADE



1—No vapor a caminho da Trafaria. 2—Os primeiros mergulhos.
3—As crianças na praia da Trafaria.

(Clichés de BENOLIEL)

A DANÇA no Serviço da religião e do amor

A dança!
Como se tornou ella d'um volteio sacro a imitar o gyro dos astros no espernear desenfreado do *can-can*, e como veio dos mysterios de Isis, a deusa, do culto do touro Apis, praticado pelos sacerdotes de Memphis e Thebas, cair na *polka* pulada e na *valsas* a tres tempos?!

O Justino Soares — que foi o arbitro da dança da Baixa — costumava dizer que um dia sentira comichão nos pés e entrara a bailar. Mas não foi decerto com formigueiros que se instituiu um culto e se formou uma religião. Deante das varias posições dos soes e das estrellas imitaram-nas os homens para chamarem a sua attenção e captarem a sua bondade para os trigaeis e para os milharedos; depois, perante a monotonia d'essas voltas, foram mudando de processos, conservando-lhe, porém, esse caracter sagrado que torna



1.—«Dançarinas», estatuza de Falguière, para que serviu de modelo a celebre bailarina Cléo de Merode
2.—Baile de Apollo com as Musas

sacerdotisas as bailadeiras ás quaes Vichnu — a divindade —, porque os brahmanes o repelleram e^a uma d'ellas o acolheu — doou todos os respetos da sua descendencia. Os rajahs, para marcarem a sua geração na familia do deus, pagaram a sua divida e assim cobertas d'ouro como idolos, brilhantes de pedrarias, as gentis *bayadeiras* continuaram a ondular religiosamente. Socrates dançou em Athenas; Platão foi censurado por não querer bailar no palacio

soberbo e maravilhoso por um amavel convite do rei de Syracusa. Com os seus pampanos verdes nas fronte eburneas dançaram as mulheres escravas em trente dos Ce-



nhado. Tendo assim nascido dos astros, dos deuses e dos reis, a dança tornou-se n'uma formidavel instituicao.

DO TEMPLO DE DIANA Á RUA DA DANÇA SACRA AO MAXIXE OS BAILES DO UNIVERSO

Mas que é dançar, finalmente?! E' uma convenção por vezes; outras até uma tragedia. De religião transformou-se em

patuscada; do templo branco de Diana caiu nas philarmonicas, depois de ter atravessado os paços, os theatros, as casas burguezas (e até as salas dos hospitaes. Em frente d's divindades era a dança sacra, e só as mulheres puras, as vestaes e as musas se atreviam a mostrar-se em passadas rythmicas e cultuae deante dos rostos olympicos; nos paços chamava-se dança de cerimonia e carecia de vestidos caros, adornos, pedrarias, ouro em todos os collos, sedas em todos os corpos, como se guardasse sempre a sua origem; nos theatros usou os mais estranhos traços desde a veste de demonio até á nebelina vaporosa e indiscreta; desde os ouropeis complicados com que a Cleo se expöz nas attitudes de bailarina cambodjiana até aos tufo encanudados de todos os saioes de dançarinas mais ou menos illustres. Nas casas burguezas chamou-se gavota, polka, mazurka e ultimamente pas de quatre e cotillon; mostrou-se com saia de balão, com vestes curtas,



sares como ba-chantes no baile de Apollo; o rei David tambem dançou, o que, com o seu combate contra Goliath e o dedilhar da harpa na presença de Saul, constituiu as tres grandes proezas da sua vida. O nosso rei D. Pedro dedicava-se a essas folias nos arruados, á luz dos fogachos, pulando como um endemoni-



1—O famoso pas de deux, por Duverval e Allard na Opera Svyzie (1766)—(Desenho de Carmontel)

2—Um dançarino no seculo XVII

3—Um baile em Paris no fim do seculo XVIII



1—Um baile do século XVII.



2—O mestre de dança no reinado de Luiz XV
3—Uma dançarina no século XVIII.

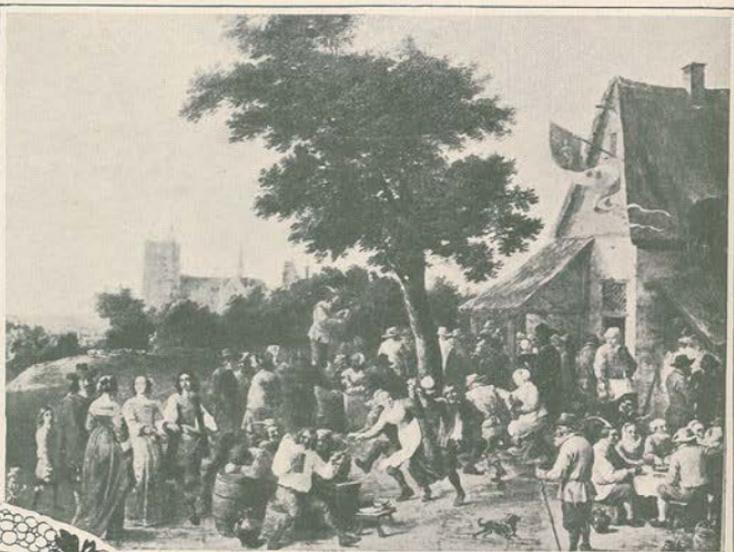
com cauda, de calção e meia, de calça afunilada e de ganga clara; de sapato de fivela e de bota à Chantilly; nos hospiteas chama-se dança de S. Vito e é uma sarabanda sinistra.

Nas terras de sol a dança é viva, louca, excitada, como se um enxame picasse a polpa das pernas das bailarinas, que se agitam n'um phrenesi como na Hespanha ao som do pandeiro e da bandurra; nos paizes frios é calma, serena, pesada, uma dança que não desmancha as saias, como se tudo aquillo se passasse na atmosphera gelada d'uma côrte com musicas decentes, graves, de etiqueta. São assim o *Korvad* e tambem o *Trepak* russos, tão antagonicos com o

bolero e com o *jaleo* hespanhoes e com a *Tarantella* napolitana, esta tão ligeira, tão rapida, tão endiabrada, que a transpiração provocada nos seus movimentos elimina o veneno da tarantula, como disse madame de Stael, que jámais logrou bailar, mesmo gravemente, com Napoleão. O *fandango* das nossas aldeias é uma agitação plebea como o *minuete* foi requiebro fidalgo; os bailes de roda do Minho verde, as *farandolas* da Provença, essa loucura, esse ro-



dopio em que esvoaçam fitas, laços e saias das lindas mulheres d'Arles e de Tarascon são danças de povos livres e nas suas galopadas o mostram, como de escravas são os bailes tristes das *almecas*, em que o corpo se immobiliza e só o ventre mexe, não vá al-



guma volta mais atrevida tocar o senhor que se amollenta fumando o *narghilhe* deitado no seu coxim. No Japão ha uma dança linda: a das *borboletas*, em que a *musme*, com o seu leque, se vae abanando ao rythmo da musica emquanto outra faz voar uma borboleta de papel levada na agitação d'um bambu a pousar na laca das mezas para subir ao tecto e logo descer em voltas seguidas que a dançarina imita até que o lepidoptero se queima n'uma vela e a *musme* cahe extenuada a sorrir. Na



1—Baile aldeão, por Teniers. 2—A dança, por Jean Miel
3—Baile campestre, por Teniers



A Inglaterra dança o *Horn Pipe*, ligeiro, que veio da Escocia; a Irlanda teve bailes sacros, e agora n'uma vindicta, só tem os *fenians*; a Austria dominadora, vê ser a *Czarda* da Hungria denominada a mais popular das suas danças. Na Grecia baila-se a *Tralla* em que as mulheres dão as mãos n'uma cadeia cruzada e a Polonia tem a *Polaca* magestosa, a *Mazurka*, as *Re-*



America do Sul, a Venezuela dança a *Bandeca* e o Brazil o *tundum* lento, voluptuoso, dança mais de Portugal do tempo dos senhores conegos mundanos, dos mulatos favoritos, dos boleiros e dos poetas-tros, que propriamente do Brazil, que entrou agora triumphalmente no coro universal das danças com o *muxixe* bulhento, dengoso, saltitante, em que a volupia não é uma pausa mas antes uma agitação.



1—Dança de gitanas, por J. Bourgeron. 2—Bailetiñas hispanholas, por Allan Osterlind
3—El Jaleo, por V. Moreno v Carbonero



dowas e as Varsovianas. Nas montanhas da Suíça é o Aetoperkiin que reina. A França universalisa as suas danças e a Hespanha domina soberanamente com os seus tangos e peteneras. Assim cada povo dança conforme o seu clima, a sua psychologia, a sua tradição, a sua paizagem.

O QUE SE DANÇOU
NO PASSADO O
MINUETE É DO POVO OS
BAILLES ATRAVEZ DOS SE-
CULOS

Tudo isto, porém, não surgiu d'um mero capri-



1—O minuete dançado no baile dado por Luiz XV em 24 de fevereiro de 1755
2—A quadrilha no século XVIII, quadro de Lauret



cho. Os antigos dançavam por superstição, a Edade Média bailou até por sacrificio.

Nobres barões e pobretanas seus vassallos seguiam cortejos

sagrados pulando e ciliciando-se. Era a dança dos *flagellantes*. Depois veio a reac-

ção justa. D. Pedro I de Portugal, quando armou cavalleiro a Fernando Alfonso Tello, mandou fazer seiscentas arrobias de velas de cera, umas cinco

mil velas, com que veiu dançando desde S. Domingos até ao paço. Pelas bodas de D. João I, o Porto dançou desvaidamente. Nos bailes do

paço dançavam os jo-graes ao som das anafis, das ayaubebase das harpas, e as bailarinas mostravam-se em choreas castas que a ingleza grave vigiava. Os duques de Borgonha davam bailes de extranha magnificencia onde appareciam doze cavalleiros, dançando



3—Dança flamenga, quadro de Van Miel
1—Dança arabe, quadro de Delacroix

com damas vestidas de seda carmezim. Houve os mōmos que eram pantomimas bailadas do tempo de D. Manuel I e de D. João II. O seculo XVI creou a *pavana* que reinou antes do *minuete* se tornar o baile typico da nobreza. Francisco I dançou com Anna Bolena; Henrique III em Veneza viu bailar cem donzellas vestidas de branco e com collares de perolas, deslizando sobre tapetes turcos. Catharina de Medicis imaginou a dança mais celebre da sua epoca quando esteve em Bayona com a rainha de Hespanha e os duques de Lorena e Saboya. As damas de honor bailaram vestidas de nymphas e de nayades. Era o primeiro passo para o baile theatral aprendido nas *chacotas*, com que o povo portuguez acompanhava a procissão do Corpo de Deus com os seus trajos extravagantes no mais desenfreado baile. D. João III, como os theologos chamavam honesta á dança e a aconselhavam, deixou-a existir, preferindo-lhe todavia essas choreasdas chammas onde esperneavam judeus e hereticos; D. Sebastião foi dançador primoroso e ficou celebre o seu baile gentil com a princeza D. Maria, noiva de Alexandre Farne-



sio. Nas ruas faziam-se *folias*, dançava-se a *mourisca* celebre diante dos embaixadores que vinham a Lisboa. Mas um dia toda aquella nobreza emplumada, garrida, foi n'uma revoadá como um bando de aves polychromas perder-se na guella vermelha do leão africano. Foi a dança final da dynastia de Aviz.

A cõrte de Hespanha, poderosa, dançava gravemente; as mulheres mettidas nas suas anquinhas que as não deixavam dobrar-se, os homens nos trajos sombrios e de punhal á cinta; nas ruas o povo sapateava alegre, sentindo-se senhor d'uma grande parte do mundo. Os portuguezes já não dançavam. Em França, o povo creava n'uma delicadeza extranha o *minuete*. Foi n'uma aldeia do Poitou que nasceu esse requebro doce que foi o uso das cõrtes, de que os senhores se aposentaram, sentindo-a sua como os castellos que os povos tinham edificado. Fez-se a rapina do baile n'um instinctivo movimento. A *gavota*, creada na Bretanha pelos pescadores, teve a mesma sorte, e assim Luiz XIII e Luiz XIV, com as suas cabelleiras empoadas, fizeram os mesmos gestos que os pobres moleiros de Poitou e o nosso pomposo D. João V



1—Uma bailarina da Grande Opera de Paris
2—Um skating-rink, alto relevo em gesso de Garcia e Alonso

sua artilharia e saltar dos thronos os reis que a republica lá deixára. Chegava o seculo XIX.

O SEculo XIX E A DANÇA À DANÇA DA MORTE

imitou-os gravemente. A dança já não era uma cousa sagrada, passava a ser o divertimento. Molière organisava as festas na cõrte de Versailles e o rei sol, debaixo dos lustres de crystal, sorria ás damas no seu *minuete* cortezão; o duque de Chartres era par obrigado da princeza de Conti; Luiz XV seguiu as tradições dos avós e Luiz XVI viu bailar toda a sua cõrte segundo as regras ensinadas na Academia de Dança que se creára no reinado do magnifico Luiz XIV, com os seus treze professores, entre os quaes

1—Uma bailarina do seculo XX
2—Uma bailarina na antiga Grecia

Prevost ensinava o rei. Galan du Desert a rainha, Raynal o irmão do rei e Jean Renaul o delphin. Foi a epoca do mestre de dança com a sua cabelleira, a sua casaca, a sua rebeca e as pernas agéis para os movimentos. Depois do baile da Opera ia ser um delirio o baile publico. No paço da Ribeira já o marquez de Pombal creára a dança theatral. Bailava-se na sala da Musica em Queluz como em França no Palais Royal. Mas antes d'isso Voltaire, representado n'uma estampa a dançar extranhamente, desenferujára da etiqueta e do preconceito as cabeças e os artelhos.

Durante a Revolução dançou-se loucamente. Havia quatrocentos bailes publicos em Paris e apos a chacina na machina de Guillotin tudo se esquecia nos braços das mulheres. E com os golpes fataes de Sansão viam-se ainda agitar por vezes as pernas dos que estrebuchavam na agonia. Nas prisões as aristocratas dançaram aquelle celebre *Baile das Victimas*. Era a loucura. O Directorio acirrou-a; crearam-se mais bailes. Havia casas celebres onde se bailava: o Tivoli, o Salon de Mars, Victoires Nationales, Grand Chaumiex, Vaux Hall, o Prado e outros. N'esse tempo, em Portugal ia-se dançando n'um protesto, sob as vistas dos realistas exaltados e até dos emigrados, o *minuete* cortezão. A rua, indifferente ás desgraças dos grandes, saltava nos seus bailados. Napoleão ia fazer dançar a Europa ao som da

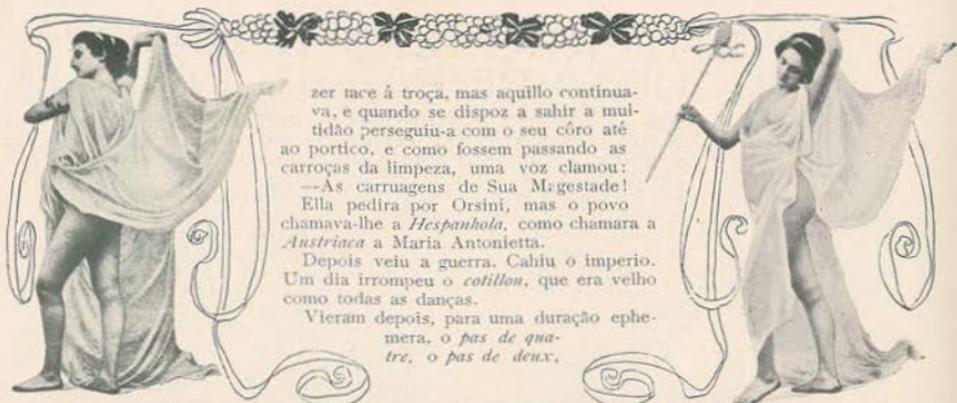
Dançava-se nas Tulherias gravemente como em casa dos marechaes e no curto intervallo de duas guerras dançavam os soldados nos bailes publicos. Reinava a contradança em Saint Cloud e em Fontainebleau. Apesar do seu odio á Inglaterra, Napoleão não bloqueava o *Country-Dance*. Apareceu tambem a quadrilha com cinco figuras: a mais antiga: o Pantalón, é de 1786 e inventou-a Vincent, o repetidor de Tagliani baptisando-a em 1830, quando Luiz Philippe permittiu em vez de calção as calças nos bailes de cerimonia. Veiu depois o *Galope* que em 1830 se chamou *Saint Simonienne*, porque obrigando a dança a mudar de dama isto recordava as theorias de Saint Simon ácerca do casamento. Inventaram-se porém novas quadrilhas que Portugal dançou desde que começou a vestir-se á franceza: a do *Regente*, a *Crusada*, a *Russa*, a *Mazurka*, a de *Damas*, e finalmente os *Lanceiros*. A valsa liquida em parte a quadrilha: descende da *Volte*: dança do seculo XII.

Entre nós, só os bailes das Larangeiras, no tempo de D. Maria II, e depois os da marqueza de Viana, attingiram a celebridade. Os soberanos frequentavam-nos. Farrobo, realmente, fazia bem as cousas; a marqueza arruinava-se, mas Lisboa dançava tão galhardamente e com tanta pompa como Paris. Passou tudo. D. Pedro V era muito triste para bailar. A *valsa* era rainha; tentava toda a gente; dançava-se a tres tempos, e em 1850 pensou-se em a fazer a cinco. Universalizou-se a *valsa*. Originou a *polka mazurka* e a *scottish*. No tempo de Napoleão III deram-se bailes magnificos. Eram cousas das mil e uma noites e a imperatriz Eugenia, que ainda vive, gostava tanto de *polkas* que as dançava com as suas damas de honor, o que deu causa a uma das troças mais extranhas que os estudantes de Paris fizeram á rainha *Criooline*, como lhe chamavam. O cantor comico Kelm puzera em voga certa canção do *Sire de Framboisy*, que se tornou um estri-

bilho parisiense. Não se ouvia nas ruas senão a canção:

Parbleu madame que faites vous ici?

Um dia, a imperatriz foi a uma pri-



zer tace á troça, mas aquillo continua-
va, e quando se dispoz a sahir a mul-
tidão perseguiu-a com o seu córo até
ao portico, e como fossem passando as
carroças da limpeza, uma voz clamou:
—As carruagens de Sua Magestade!
Ella pedira por Orsini, mas o povo
chamava-lhe a *Hespanhola*, como chamara a
Austriaca a Maria Antonietta.

Depois veiu a guerra. Caiu o imperio.
Um dia irrompeu o *cotillon*, que era velho
como todas as danças.

Vieram depois, para uma duração ephe-
mera, o *pas de quatre*, o *pas de deux*.



1—A dança
no Piratic
Quadro de Boticelli

meira do Odeon e os estudan-
tes; na sua colera contra ella,
começaram a entoar o estribi-
lho no meio das gargalhadas da
platéa:

Parbleu madame que faites-vous sci ?
E logo toda a sala respondeu:
Je danse la polka avec mes petits amis !
Eugenia de Montijo quiz fa-

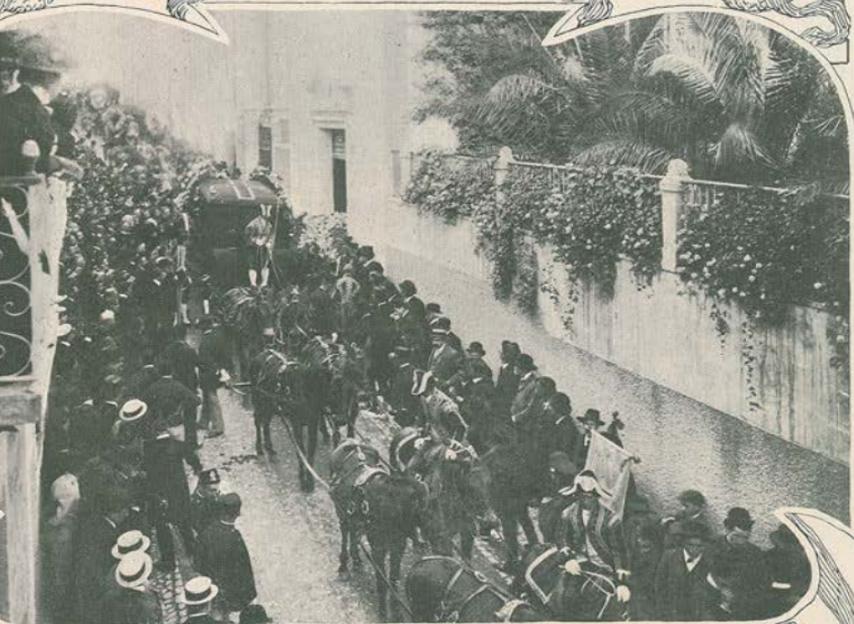
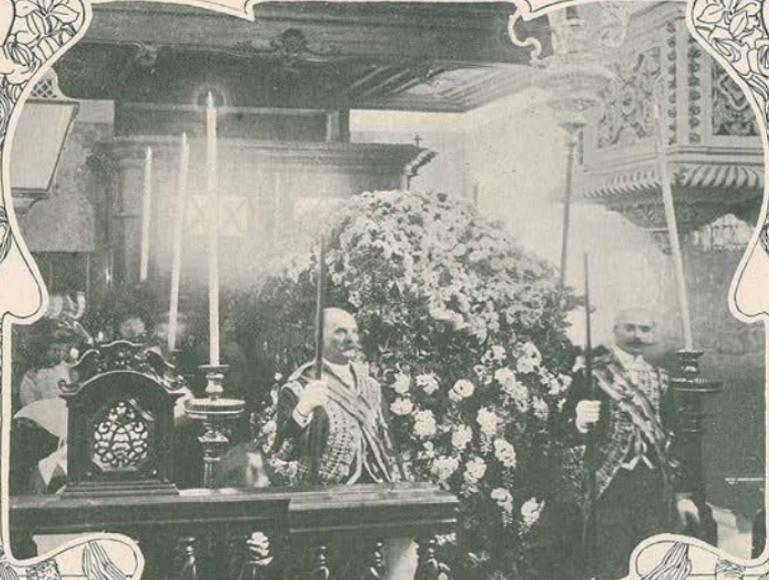


2—A dança
da Morte
Composição de Fredche

o *pas des patina eurs* e para
cumulo o *Kaket-Walk*. A
ultima dança é a da *Morte*
—a morte, apaixonada tam-
bem de Terpsychoe, que
como Victor Hugo di-
zia, lhe dava muitos cor-
pos bellos:

*Elle aimait trop le bal, c'est qui
l'a noc.*

O · ENTERRO · DA · SENHORA DUQUEZA · DE · PALMELLA ·



1—O eretro na capella do palacio do sr. marquez do Fayal
2—A sahida do funeral



sentam a mais evidente manifestação, não precisamos relembrar-a; e da sua valiosa obra de artista, ainda ha pouco se occupou, nas paginas da *Illustração Portuguesa*, uma nossa distincta collaboradora.



Com a sr.^a duquesa de Palmella, morta a semana passada em Cintra, desapareceu a mais prestigiosa figura da aristocracia portugueza, que soubera conquistar, pelos actos de uma caridade intelligente e inexgotavel e pelos incentivos disvelados em favor da arte, uma dupla aureola de sympathia na imaginação e na alma populares. A sua larga obra de bondade pratica, da qual as Cozinhas Economicas repre-



1—A chegada ao cemiterio
2—Os criados da casa Palmella transportando o caixão, no cemiterio
3—O jazigo da familia Palmella

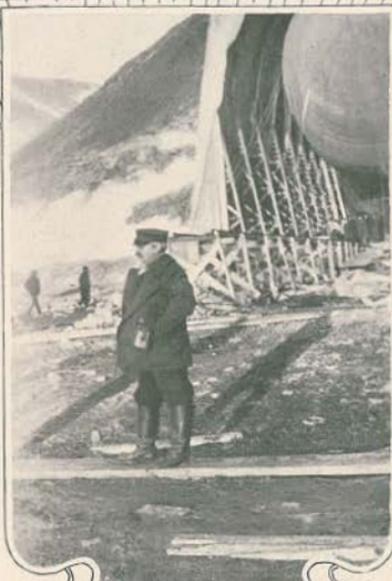
(Clichés de BENOLIEL)

AO POLO NORTE EM BALÃO

A TENTATIVA FRUSTRADA DE WELMAN

A idéa de aproveitar os balões para realizar com o seu auxilio a descoberta do polo parece ter nascido conjuntamente com a invenção. Pelo menos, alguns escriptores attribuem já essa lembrança audaciosa ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, cujo papel singular na historia da aerostação ainda não está definido de uma maneira exacta e precisa. Depois não faltaram, porém, outros que tiveram o mesmo pensamento arrojado, e por mais d'uma vez se discutiu a possibilidade de uma expedição polar em balão e se fizeram tentativas para executá-la. Chegou até a acreditar-se, em certo periodo, que só o balão conseguiria realizar a conquista do polo. E um dia, ao cabo de varios planos frustrados, André partia com esse temerario destino em um balão espherico, que se perdeu, sem deixar qualquer simples vestigio, na noite insondavel e silenciosa da região arctica. Ninguém teve mais noticias do infeliz explorador, nem dos seus companheiros.

Mas, o desaparecimento mysterioso de André não arrefeceu o entusiasmo de outros, que persistiram, com ardente fé e corajosa determinação, na mesma idéa. Desde 1907 que Wellman acariaciava o plano de chegar ao polo com um dirigivel, seguindo o mesmo caminho já assignalado por um desfecho tragico. Ha



pouco o aeronauta americano repetiu a sua tentativa, sem alcançar, porém, nenhum exito. As photographias que hoje publicamos, e que devemos á lembrança amavel de um nosso compatriota que assistiu a uma das tentativas de partida de Wellman para o polo, foram tiradas dois dias antes do balão sossobrar nos gelos da banquetta polar. Felizmente, d'esta vez, os seus quatro tripulantes salvaram-se, e o novo insuccesso não foi dolorosamente marcado pela morte como, ha doze annos, o de André.

O aeronauta americano apressa-se para não ser precedido por Zeppelin, a quem igual tentativa seduzia, e que, parece, iniciára já os seus preparativos para tal fim, e que teria decerto a seu favor condições especialmente favoraveis. Mas, o que Wellman não conseguiu, é provavel que desista agora de emprehender-o o aeronauta allemão, por ser presentemente inutil. A aeronautica polar, bem como a aviação polar, — porque tambem se experimentou attingir o polo com o aeroplano — devem considerar encerrado o periodo da sua missão antes de tel-a cumprido.

O homem conquistou, afinal, o polo norte. Essas paragens desoladas, cujo caminho está semeado de numerosos cadaveres de martyres da scien-



1—O aeronauta Walter Wellman
2—O balão saindo do hangar

cia, acabaram por ser vencidas pela energia e coragem dos que o segredo do norte desafiava e atraíam ha tanto tempo.

Como sempre, o homem acabou por triumphar na sua lueta infatigavel contra a natureza. Parece effectivamente fóra de duvida que Cook, depois de vinte annos de admiravel pertinácia, conseguiu attingir o 90° de latitude, plantando n'esse ponto extremo, até agora inacessível, a bandeira dos Estados-Unidos.



zada, e dentro de pouco não haverá, mesmo, mais canto algum ignoto na terra. Depois dos resultados alcançados pelos dois arrojadados pioneiros norte-americanos, as expedições aerostaticas de Wellman e de Zeppelin, não tem, naturalmente razão alguma de ser. Mas, por isso as suas tentativas audaciosas não devem deixar de ser memoradas, especialmente a de Walter Wellman, pelo começo de execução que chegou a ter.

1 e 3—Os preparativos da partida
2 — O hangar em que o balão de Wellman estava guardado

O que foi essa viagem, e especialmente o seu regresso, lento, difficil, soffrendo o duplo supplicio do frio e da fome, já o sabem decerto os leitores da *Illustração Portugueza* pelas narrativas e informações que n'este momento andam reproduzidas em todos os jornaes e revistas. E, além de Cook, sabem que também Peary, outro americano e conhecido explorador arctico, afirma ter alcançado, por sua vez, o 90° de latitude. A descoberta do polo Norte está, pois, reali-



PARFUM POMPEIA L.T. PIVER PARIS



GRATIS
125 machinas
falantes



De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909 Remetem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilla de 25 réis á CASA SIMPLEX BICYCLETES

DISCOS E MACHINAS FALANTES, de J. Castello Branco, Rua do Occorço, 48 e Rua de Santo António, 32 e 34—LISBOA

CASTANHEIRO L^D

ARMADORES ESTOFADORES
PRAÇA LUÍZ DE CAŊOES 38—LISBOA

TELEPH. 1346
REDENÇA TELEGRAPHICA (CASTAL)

Nouveau Parfum VIOLET
29, Bd DES ITALIENS—PARIS

PRINCIA

HEMORRHOIDAS
CURAM-SE COM OS
SUPPOSITOARIOS
ADRENO-STYPTICOS
MIDY

DISPONIVEL

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL
ANEMIA CŊRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA PELO
Elixir de S. Vicente de Paula



Em todas as Pharmacias ou no Deposito Genral. CUREL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1^a LISBOA 1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal. P.FLOILLE, Rue n^o. 2, Faub^o St-Denis, PARIS

Ourivasaria "CHRISTOFLE"
Uma SŊ e Unica Qualidade
A Melhor

Para obtela e tambem **EXIJA-SE** esta Marca



o Nome "CHRISTOFLE" sobre cada peęa.

Companhia do 270, R. da Princeza, 276
**** LISBOA ****

9, R. Passos Manuel, 51 **Papel do Prado**

**** PORTO ****

Instaladas para uma produęŊo annual de cinco milhŊes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeioados para a sua indŊstria. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (LouzŊ), Valle Maior (Albergaria a Velha).

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressŊo e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricaęŊes especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fŊrma.

End. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO PRADO — PORTO — LISBOA

Numero telephonico: 508

A SEDA SUISSA
É A MELHOR!

Peęam as amostras das nossas novidades em preto, branco ou c. r. E. I.erne, Cachemiro, Shantung, Duchesse, CrŊpe de Chine, Cotele, Messaline, Mousseline, largura 120 cm. a partir de fr. 1,95 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as bluses e vestidos bordados em batiste, lŊ, tulle e seda.

Vendem as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.**

SCHWEIZER & C.^o
Lucerne F. 12. (Suisse)

ExportaęŊo de Sedas Forneedor da CŊrte Real



S. S. PIO X no seu automovel "Itala"
munido de

PNEUS
MICHELIN

DEPOSITARIOS MICHELIN

COIMBRA

OLIVEIRA & C.^o—Avenida Navarro.

LISBOA

A. BLACK & C.^o—30 e 32, Rua da Boa Vista.

LAURENCEL & OLIVEIRA—86, Avenida D. Amélia.

ALBERT NEBELUNG—Garage Peugeot, Praça dos Restauradores.

O'NEILL—Panhard Palace, 87, Avenida da Liberdade.

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS—Rua Alexandre Herculano.

PORTO

EMPRESA PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS—Rua da Liberdade.

JOSÉ DA SILVA MONTEIRO—133, Rua das Flores.

TEIXEIRA & IRMÃO—155, Rua de Sá da Bandeira.

JOÃO GARRIDO—Rua de Passos Manuel, 16, 18, 20.

DISPONIVEL

DISPONIVEL

Concurso de 1909

O **SEculo** organizou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores.

TOTAL 4:528 PREMIOS

representados por objectos da maior utilidade para toda a gente. A sua distribuição deverá realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela auctoridade civil.

Publicamos hoje mais um pedaço de um todo que vos dará a felicidade futura. Collocae-o na vossa caderneta de coupons e tereis alcançado meio caminho para a fortuna.

